

OBSESSÃO

MAYA BANKS

# OBSESSÃO

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Para a minha família, que foi paciente comigo quando estávamos de férias e a mamã teve uma ideia nova que não lhe saía da cabeça.*

*E para Kim, por me ouvir quando lhe contei que havia algo que eu tinha de fazer e por tornar tudo possível.*

*Para Lillie, por me acompanhar a cada passo do caminho.*

*E, finalmente, para Cindy, que se bateu por mim grandemente.*

## PRÓLOGO

— Mia, o porteiro acaba de avisar que chegou um carro para te vir buscar — gritou Caroline, que se encontrava na outra divisão.

Mia susteve a respiração e pegou no contrato que se encontrava ao seu lado, na beira da cama. Estava ligeiramente amarrotado e acusava o desgaste de todas as vezes que o lera.

Tinha memorizado cada palavra e revira-o vezes sem conta, na sua mente. Ao mesmo tempo, a sua imaginação disparava imagens. Dela e de Gabe, juntos. Ele a controlá-la e desfrutá-la. *A possui-la.*

Enfiou o contrato na mala, levantou-se e precipitou-se para a cómoda, para se ver ao espelho uma última vez. Exibia sinais de ter dormido pouco. Tinha umas olheiras escuras que a maquilhagem não conseguira disfarçar. Também estava um pouco pálida. Até o seu cabelo se recusava a obedecer-lhe e tinha um ar desganhado.

Já não havia nada que fazer, senão partir.

Respirou fundo, deixou o quarto e atravessou a sala de estar na direção da porta.

— Mia, espera! — disse Caroline, que correu para junto dela, enquanto ela abria a porta.

A amiga abraçou-a com força, recuou e com a mão prendeu-lhe o cabelo atrás da orelha.

— Boa sorte, sim? Tens andado esquisita a semana toda. Se isto te deixa tão tensa, não o faças.

Mia sorriu.

— Obrigada, Caro. Adoro-te.

Caroline fez um barulho exagerado com os lábios, a imitar um beijo, e Mia voltou-se e saiu.

Quando saiu do edifício, o porteiro segurou-lhe a porta do carro e ajudou-a a entrar. Mía recostou-se contra o confortável banco de pele e, quando o carro arrancou, do seu apartamento no Upper West Side, para Midtown, onde ficava situado o edifício da HCM, fechou os olhos.

Jace, o seu irmão, tinha-lhe telefonado no dia anterior e ela sentia-se terrivelmente culpada por lhe esconder aquilo. Ele pedira-lhe desculpa por ter faltado à inauguração e dissera-lhe que, se soubesse que ela ia lá estar, teria feito tudo para ir.

Falaram meia hora ao telefone. Jace perguntou-lhe como estavam as coisas com ela e disse-lhe que ia passar alguns dias na Califórnia, com Ash. Combinaram passar um serão juntos quando ele regressasse e ela desligou o telefone, assaltada pela melancolia, porque ela e o irmão eram muito amigos. Nunca tinha hesitado em partilhar nada com ele. Ele estivera sempre presente, disposto a ouvi-la e a dar-lhe conforto, até mesmo durante os anos angustiados da adolescência. Não podia desejar um melhor irmão mais velho e agora andava a esconder-lhe segredos — segredos importantes.

Quase não prestou atenção à viagem, o para-arranca do costume, até que o carro parou algum tempo mais tarde.

— Chegámos, menina Crestwell.

Os seus olhos abriram-se repentinamente e semicerraram-se sob o sol brilhante do outono. Encontravam-se precisamente à frente do edifício da HCM. O motorista já tinha saído do carro para dar a volta e abrir a porta. Ela friccionou a cara com as mãos, na tentativa de reanimar os seus sentidos adormecidos, e saiu, com uma brisa suave a desalinhar-lhe o cabelo.

Deu por si uma vez mais a entrar no edifício e a subir no elevador até ao 42.º andar. Teve uma forte sensação de *déjà vu*. O mesmo nervoso miudinho. As mesmas mãos suadas. O mesmo ataque de nervos. Apenas sentia mais pânico, porque desta vez sabia o que ele queria. Sabia precisamente naquilo em que estava a envolver-se por ter concordado com aquilo.

Quando chegou à receção, Eleanor olhou para ela, sorriu e disse-lhe:

— O senhor Hamilton disse para entrar de imediato.

— Obrigada, Eleanor — murmurou Mia, quando passou pela secretária de Eleanor.

Quando chegou ao gabinete de Gabe, a porta estava aberta. Ela parou hesitante à entrada e olhou fixamente para onde ele se encontrava, de mãos nos bolsos, a olhar pela enorme janela com vista sobre Manhattan.

Era muito atraente. Dava gosto olhar para ele. Mesmo quando estava descontraído, emanava dele muito poder. De repente, apercebeu-se porque se sentia tão atraída por ele — ou, pelo menos, um dos principais motivos. Sentia-se segura com ele. O simples facto de estar perto dele inspirava-lhe um elevado nível de conforto. Sentia-se segura e... protegida.

Na sua essência, a relação que lhe propusera proporcionar-lhe-ia todas essas coisas. Segurança. Estabilidade. Conforto. Proteção. Ele garantir-lhe-ia tudo isso. Bastava concordar em ceder-lhe o poder absoluto.

Toda a relutância desapareceu, deixando-a mais leve e quase eufórica. Não ia, de modo algum, entrar naquele acordo morta de medo. Não era maneira de começar uma relação. Ia ser confiante e agarrar as coisas que Gabe lhe prometera. E, em troca, entregava-se-lhe plenamente e confiava que ele iria acarinhar a dádiva que era a sua submissão.

Gabe virou-se e viu-a de pé à entrada da porta. Ficou surpreendida quando viu alívio nos olhos dele. Ele teria receado que ela não viesse?

Dirigiu-se imediatamente para ela e puxou-a para dentro do escritório, fechando a porta com força. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, abraçou-a e esmagou a sua boca contra a dela.

Ela gemeu ligeiramente, enquanto as mãos dele lhe percorriam os braços, possessivamente, apertavam os ombros e subiam pelo pescoço, até finalmente lhe envolverem o rosto. Ele beijou-a com avidez. Como se o tivessem mantido fechado longe dela e finalmente tivesse sido libertado. Era o beijo que apenas existia nas suas fantasias. Nunca ninguém a fizera sentir-se tão... *consumida*.

Não se tratava apenas de uma manifestação de domínio. Era uma súplica de capitulação. Ele desejava-a. E estava a mostrar-lhe quanto. Se alguma dúvida existira de quanto verdadeiramente a desejava, se não estaria apenas aborrecido e à procura de um novo desafio, naquele momento ela ficara convencida.

Uma das suas mãos largou-lhe o rosto e envolveu-a, segurando-a com tanta força de encontro a ele, que o seu braço era como uma barra de aço nas costas dela.

Ela sentia a pressão na barriga. O seu órgão estava completamente ereto e fazia força nas calças. Quando os seus lábios finalmente se separaram, a respiração dele explodiu, e ambos se debateram com falta de ar.

Ao olhar para ela, os olhos dele reluziram.

— Pensei que não vinhas.

## CAPÍTULO UM

QUATRO DIAS ANTES...

Gabe Hamilton ia arder no fogo do inferno mas não se importava. Desde que a vira entrar no salão de baile do Bentley Hotel, onde a HCM Global Resorts and Hotels ia fazer a sua inauguração, não conseguira tirar os olhos de Mia Crestwell.

Ela era fruto proibido. A irmã mais nova do seu melhor amigo. Só que já não era assim tão nova e ele apercebera-se disso, definitivamente. Ela tornara-se uma espécie de intrincada preocupação para ele. Lutara contra isso, mas percebera que não conseguia resistir ao seu encanto.

Desistira de lutar.

O facto de ela se encontrar ali, naquela noite, e de Jace não estar por perto, apenas confirmava que aquele era o momento certo e que estava na altura de Gabe avançar.

Deu um gole do copo de vinho que tinha na mão e ouviu educadamente o grupo de pessoas com quem estava a conversar. Ou melhor, com quem estava *misturado*, porque raramente ia além de alguns comentários simpáticos enquanto circulava por entre a multidão.

Ele não tinha sabido que ela ia estar ali. Jace não dissera nada. Será que ele sabia? Gabe achou que era provável que ele não soubesse porque, alguns minutos antes, ele e Ash tinham-se escapulado com uma morena alta, de pernas compridas, no meio dos dois, a caminho de uma das suítes de luxo do último andar.



Jace não se teria afiançado — nem por uma mulher — se soubesse que a irmã iria estar ali. Mas era bom que não estivesse. Facilitava muito as coisas.

Gabe viu que Mia perscrutava a sala com o olhar, de sobrolho franzido, concentrada, como se estivesse à procura de alguém. Um empregado parou para lhe oferecer vinho e ela pegou num elegante copo de pé alto, mas não o levou à boca.

Trazia um vestido espantoso que lhe realçava as formas nos sítios certos, uns sapatos provocadores e o cabelo apanhado de tal maneira que parecia suplicar que um homem o deitasse abaixo. Os anéis do seu cabelo escuro caíam-lhe suavemente sobre o pescoço, chamando a atenção para o seu colo delicado que implorava por lábios masculinos. Sentiu-se impelido a atravessar a sala e a envolvê-la com o seu casaco, para que mais ninguém pudesse ver o que considerava seu. Credo, mas isso tornava toda aquela situação ainda mais irracional. Ela não era sua, de modo algum. Mas isso também ia mudar.

O vestido sem ombros chamava a atenção para os seios dela e ele não queria que mais ninguém olhasse para eles. E os homens *estavam* a olhar. Ela já tinha chamado a atenção de outros. Que a fitavam — como ele — com olhos predadores.

Ela trazia um fio delicado, com um diamante solitário, à volta do pescoço e brincos de diamante a adornarem-lhe as orelhas. Ele oferecera-lhe aquele conjunto um ano antes. Pelo Natal. Vê-la com as peças que lhe oferecera, naquela noite, dava-lhe satisfação. Para ele, era mais um sinal de que ela seria inevitavelmente sua.

Ela ainda não sabia, mas ele já esperara o suficiente. Passara muito tempo a sentir-se o maior bandido do mundo por cobiçar a irmãzinha do seu melhor amigo. Quando ela fizera 20 anos, isso marcara uma enorme diferença na forma como ele a via. Mas ele já tinha 34 e sabia que ela era muito nova para o que pretendia dela. Por isso, esperara.

Ela era uma obsessão e admiti-lo fazia-o sentir-se desconfortável, ela era como uma droga que lhe corria nas veias e da qual não se queria curar. Agora que ela tinha 24 anos, a diferença de idades deixara de parecer inultrapassável. Pelo menos, era isso que dizia a si mesmo. Jace ia passar-se — afinal, Mia seria *sempre* a sua irmã mais nova —, mas Gabe estava disposto a provar o fruto proibido.

Sim, ele tinha planos para Mia. E tinha de passar à ação.

Mia bebeu um pequeno gole de vinho — de um copo que apenas aceitara para não se sentir completamente deslocada naquele mar de pessoas bonitas e ricas — e olhou à sua volta, ansiosamente, à procura de Jace. Ele dissera-lhe que ia lá estar e ela decidira fazer-lhe uma surpresa e aparecer na inauguração do mais recente hotel da HCM.

Situado em Union Square, era uma unidade moderna e de luxo, evidentemente dirigida a uma clientela de alto nível. Mas a verdade era que o seu irmão — e os seus dois melhores amigos — respiravam aquele mundo e estavam completamente integrados nele. Trabalharam no duro para chegar até ali, mas atingiram um sucesso que muitas pessoas nem sonhariam e tinham-no conseguido antes dos 30 anos.

Aos 38 anos eram considerados dos hoteleiros mais bem-sucedidos do mundo. Mas continuavam a ser apenas o seu irmão e os melhores amigos dele. Bom, à exceção de Gabe, mas talvez estivesse na altura de ultrapassar as fantasias embaraçosas da sua adolescência. Aos 16, anos eram compreensíveis. Aos 24, apenas lhe traziam desespero e desilusão.

Ash e Gabe já tinham nascido ricos. Jace e a irmã não, e ela continuava a não se sentir completamente confortável nos círculos em que o irmão se movimentava. Contudo, tinha um orgulho enorme em Jace por ele ter atingido um tal sucesso, sobretudo, tendo em conta que ele ficara com a irmã mais nova a seu cargo após a morte inesperada dos pais.

Gabe tinha uma boa relação com os pais, ou pelo menos tivera enquanto foram casados. Numa ação surpreendente, o pai dele divorciara-se da mãe pouco depois de terem feito trinta e nove anos de casados. Ash... a situação dele era, no mínimo, interessante. Essa era a palavra mais diplomática para a descrever. Ele não se dava bem com a família — com ninguém. Tornara-se independente muito cedo, desprezando o negócio e o dinheiro da família, e talvez o seu sucesso tivesse sido ainda mais irritante para eles por o ter conseguido por sua conta.

Mia sabia que Ash nunca estava com a família. Passava a maior parte do tempo com Jace e Gabe, especialmente com o primeiro.

O irmão de Mia deixara claro que os familiares de Ash eram, nas palavras do próprio, uns idiotas, e ela contentara-se com esse facto, apesar de nunca ter tido a oportunidade de os conhecer. Eles procediam como se a HCM não existisse.

Quando dois homens se aproximavam dela a sorrir, como se tivessem acabado de ganhar o dia, ela teve vontade de dar meia volta e fugir. Mas ainda não encontrara Jace e não ia sair dali tão depressa depois de ter passado tanto tempo a arranjar-se. E tudo para o caso de encontrar Gabe, por muito patético que parecesse, mas era a verdade.

Sorriu e empertigou-se, decidida a não envergonhar o irmão, ao comportar-se como uma palerma na grande noite dele.

E então, para sua completa surpresa, Gabe apareceu a abrir caminho por entre a multidão, com um ar carrancudo a ensombrar-lhe o rosto. Passou à frente dos dois homens que se aproximavam e pegou-lhe no braço, arrastando-a literalmente para fora dali, antes de eles chegarem junto dela.

— Olá para ti também, Gabe — dissera-lhe, numa voz trémula.

Havia qualquer coisa naquele homem que a deixava aparvalhada. Não conseguia andar, pensar ou articular um pensamento coerente. Ele devia achar que ela ter completado o curso superior com louvores tinha sido um milagre. Apesar de ele e Jace acharem que o curso não lhe servia de nada, Jace quisera que ela tirasse uma licenciatura em gestão. Queria incluí-la no negócio da «família». Mas ela ainda não estava certa do que queria fazer. O que era mais uma fonte de frustração para o irmão.

*Isso* fazia-a sentir-se culpada. Porque podia dar-se ao luxo de demorar a tomar decisões. Jace sempre fora generoso no suprimento das suas necessidades. Um apartamento, qualquer coisa de que ela precisasse, apesar de, depois de ter terminado o curso, se ter esforçado para não depender tanto dele.

Os seus colegas de curso já tinham começado a trabalhar. Estavam a construir carreiras. Ela continuava a trabalhar a tempo parcial numa pastelaria e a protelar a decisão relativamente ao que queria fazer com o resto da sua vida.

E era provável que essa hesitação estivesse de alguma maneira relacionada com as suas fantasias delirantes a respeito do homem que a arrastava pelo braço. *Tinha* de ultrapassar a fixação que sentia por ele e seguir em frente. Não podia passar a vida inteira com a ideia ridícula de que ele havia de reparar nela e decidir que tinha de ser dele.

Ela interiorizou a imagem dele avidamente, como um toxicod dependente que apanha a próxima pedrada — como se tivesse passado demasiado tempo à espera daquela dose. Ele era o homem cuja presença enchia a divisão onde se encontrava. Usava o cabelo preto bem curto, moldado com uma quantidade mínima de produto. Apenas o suficiente para lhe dar um ar pródigo e sofisticado.

Tinha aquele ar de menino mauzão pecaminoso, por quem todas as mulheres enlouquecem. Tinha uma atitude completamente «estou-me a borrifar», consigo sempre o que quero. A sua confiança e a sua arrogância eram duas das características que a faziam sentir-se atraída por ele — sempre a tinham atraído. Não conseguia lutar contra a atração que sentia por ele. Deus era sua testemunha, tentara durante anos, mas a sua obsessão *não* dava sinal de estar a desaparecer.

— Mia — disse ele em voz baixa. — Não sabia que vinhas. Jace não disse nada.

— Ele não sabe — respondeu ela, com um sorriso. — Decidi fazer-lhe uma surpresa. A propósito, onde está?

O olhar de Gabe denunciou algum desconforto.

— Teve de sair. Não tenho a certeza se ainda volta.

O sorriso dela esvaneceu.

— Oh — olhou para baixo, envergonhada. — Parece que desperdicei um belo vestido nesta ocasião.

Ele percorreu-a lentamente com o olhar, fazendo-a sentir que a despira sem qualquer esforço.

— É um bonito vestido.

— Se calhar, devia ir-me embora. Não faz sentido estar aqui, não estando Jace.

— Podes ficar comigo — disse ele, sem rodeios.

Ela arregalou os olhos. Gabe nunca se tinha esforçado para passar tempo com ela. Na verdade, parecia que tentava evitá-la. O que era suficiente para a deixar complexada. Ah, ele era simpático com ela.

Enviava-lhe presentes em ocasiões especiais. Ligava-lhe para se certificar de que não lhe faltava nada — não que Jace alguma vez se tivesse esquecido de fazer o mesmo. Mas nunca fizera questão de passar mais do que uns minutos na sua presença.

— Queres dançar? — perguntou ele.

Ela fitou-o, perplexa, interrogando-se onde estaria escondido o verdadeiro Gabe Hamilton. Gabe não dançava. Ah, ele *sabia* dançar, só que raramente o fazia.

A pista de dança estava cheia de casais, alguns mais velhos, outros da idade de Gabe. Não avistava uma única pessoa da sua idade, a maior parte dos presentes pertencia àquela classe mais do que rica e mais do que bela a que a maioria das pessoas de 24 anos ainda não ascendeu.

— Hum, claro — respondeu ela.

Porque não? Ela estava ali. Passara duas horas a arranjar-se. Porque havia de desperdiçar um vestido perfeito e uns sapatos incríveis?

Ele colocou-lhe a mão nas costas e ela sentiu-se como se estivesse a ser marcada. Mal conseguiu conter um arrepió enquanto ele a conduzia à zona reservada para dançar. Dançar com ele era uma má ideia a vários níveis. Como podia ultrapassar a sua obsessão se continuasse a viver na sua proximidade? Mas não podia desperdiçar uma oportunidade para estar nos seus braços. Nem que fosse apenas por alguns minutos. Minutos gloriosos, maravilhosos.

Os tons abafados de um saxofone misturavam-se com a percussão de um piano e a vibração grave de um baixo. A música invadia-lhe as veias, ao mesmo tempo que se entregava nos braços de Gabe. Era emocionante e inebriante e fazia-a sentir-se no meio de um sonho muito vívido.

A mão dele deslizou nas suas costas até se deter na zona descoberta pelo vestido decotado. O tecido cobria a pele precisamente acima do fundo das costas, uma sedutora provocação que tivera de se convencer a vestir. Agora estava *verdadeiramente* contente por tê-lo feito.

— Ainda bem que Jace *não está* aqui — disse Gabe.

Ela inclinou a cabeça e lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Porque dizes isso?

— Porque ele tinha um ataque cardíaco se te visse com esse vestido. Se é suficiente para lhe chamarmos vestido.

Ela sorriu e na sua face formou-se uma covinha.

— Como Jace não está aqui, não pode dizer nada, não é verdade?

— Não, mas posso eu — comentou ele, sem pestanejar.

O sorriso dela deu lugar a um franzir de sobrolho.

— Eu não preciso de dois irmãos mais velhos, Gabe. Garanto-te que um já me chega.

Ele semicerrou os olhos e comprimiu os lábios.

— Não tenho intenção de ser o teu irmão mais velho.

Ela dirigiu-lhe um olhar de mágoa. Se estar com ela era um frete, por que razão a tinha abordado? Porque não fizera como sempre e a ignorara?

Ela recuou e a excitação de estar perto dele, de se encontrar nos seus braços, com as mãos dele no seu corpo, começou a dissipar-se lentamente. Não devia ter vindo. Tinha sido estúpida e idiota. Bastava-lhe ter telefonado a Jace. Dar-lhe conta dos seus planos, e ele teria dito que não ia lá estar. E ela não estaria ali no meio da pista de dança, envergonhada pela rejeição de Gabe.

Quando se apercebeu da sua reação, ele semicerrou os olhos, virou-se bruscamente e quase a arrastou para fora da pista e na direção do terraço. As portas abriram-se e o ar gelado da noite penetrou no interior. Ele saiu e puxou-a, de forma protetora, para a curva do seu braço.

Ela estava de novo nos braços dele. Envolvida pelo seu calor. Sentia o seu cheiro e ele cheirava bem.

Ele só parou quando já se encontrava longe da porta e oculto nas sombras projetadas pelo telheiro. As luzes da cidade reluziam e tornavam o céu deslumbrante e só os ruídos do trânsito ao longe perturbavam o silêncio.

Durante um longo momento, ele limitou-se a fitá-la e ela perguntou-se o que fizera que o ofendera tanto.

O cheiro dele provocava-a. Uma nota picante, sem ser excessivo. O perfume que usava ficava-lhe bem. Complementava o seu cheiro natural, ao mesmo tempo que lhe conferia uma nota de masculinidade, rudeza, madeira, natureza e... sofisticação.

— Que se lixe! — resmungou ele.

Era uma expressão de resignação, como se estivesse a ceder a uma força desconhecida.

Antes que ela pudesse reagir, ele puxou-a para frente fazendo-a bater contra o seu peito firme. A boca dela abriu-se com a surpresa e deixou escapar um ligeiro suspiro. Tinha os lábios junto aos dele. Provocadoramente perto. Sentia a respiração dele, via os músculos da sua têmpora a latejar. Ele tinha o maxilar contraído e saliente, como se estivesse a conter-se. E foi quando pareceu perder a luta.

A boca dele colidiu com a sua, tensa, quente, *exigente*. E, oh meu Deus, ela estava a adorar. A língua dele entrou, quente e sensual, deslizando suavemente sobre a dela, enquanto se entretinha a lambe-la o céu da boca rodopiando à volta da língua dela numa dança delicada. Ele não se limitou a beijá-la. Devorou-a. Possuiu-a num simples beijo. Naquele espaço de tempo, ela foi completamente conquistada por Gabe Hamilton. Qualquer outro homem que ela tivesse beijado, desapareceu na obscuridade.

Suspirou e deixou-se fundir completamente no abraço dele. Ficou derretida, queria mais. Mais. Mais dele. O calor dele, o toque dele, aquela boca pecaminosa. Era tudo o que ela podia ter sonhado e mais. As suas fantasias, a sua imaginação, em nada se comparavam com a realidade.

Os dentes dele roçaram os seus lábios e mordiscaram à saciedade. A picada que sentia era o suficiente para lhe dizer quem dominava. A seguir, os seus movimentos tornaram-se mais delicados, percorrendo-lhe os lábios, em sentido ascendente, com uma volta sensual da sua língua, rematada com beijos suaves no arco da boca dela.

— Que Deus me ajude, mas há muito que eu queria fazer isto — disse ele, numa voz abrasadora.

Ela ficou petrificada. As suas pernas vacilaram e estremeeceram e ela rezou para não cair, vitimada pelos saltos altos que tinha calçado. Nada a podia ter preparado para o que acabara de acontecer. Gabe Hamilton beijara-a. Não se limitara a beijá-la, arrastara-a para o terraço e tomara-a de assalto.

Os seus lábios ainda estavam dormentes na sequência daquele ataque sensual. Estava devastada. Completamente devastada. Era como atingir um pico de excitação, a maior pedrada possível. Ela não tinha bebido *assim* tanto e sabia que não era uma reação ao álcool. Era ele. Pura e simplesmente. Ele era letal para os seus sentidos.

— Para de olhar para mim dessa maneira ou vais arranjar sarilhos dos grandes — resmungou ele.

Se fossem deliciosos, como suspeitava, não se importava *nada* de se meter em sarilhos com ele.

— Como é que estou a olhar para ti? — perguntou ela, numa voz rouca.

— Como se quisesse que eu te despisse essa amostrazinha de vestido e te fodesse aqui mesmo, neste terraço.

Ela engoliu em seco. Com força. Provavelmente era melhor não dizer nada. Não tinha bem a certeza do que se passara. Toda ela tremia e ainda não tinha interiorizado que Gabe Hamilton, mal acabara de a beijar, já estava a dizer-lhe que a fodia no terraço do seu hotel.

Ele aproximou-se mais dela até o seu calor a envolver e consumir. A pulsação latejava de forma irregular no seu pescoço e a respiração dela era descontrolada e difícil.

— Vem ter comigo amanhã, Mia. Ao meu escritório. Às dez em ponto.

— Po-porquê? — gaguejou ela.

Ele tinha uma expressão firme e os seus olhos brilhavam com uma luz que ela não conseguia interpretar.

— Porque eu te estou a dizer.

Os olhos dela arregalaram-se e ele pegou-lhe na mão e conduziu-a de novo para o salão de baile. Nunca parou, continuou a andar até chegarem ao átrio. Ela esforçou-se para acompanhar o passo dele, com os saltos a baterem ruidosamente no chão de mármore polido.

Tinha a cabeça num estado de alvoroço.

— Onde vamos, Gabe?

Ele saiu e fez sinal ao porteiro, que correu até junto dele mal o viu. Em segundos, um carro preto brilhante encostou junto à porta e Gabe ajudou-a a entrar.

Ele ficou de pé, a segurar a porta e inclinou-se para conseguir ver a parte de trás do carro.

— Tu vais para casa e vais despir esse vestido — disse-lhe. — E amanhã vais encontrar-te comigo no meu escritório às dez horas. — Ia fechar a porta, mas inclinou-se e fitou-a mais uma vez. — Ouve, Mia. É melhor que apareças.



## CAPÍTULO DOIS

— Deixa-me ver se percebo bem. Baldaste-te a ir à discoteca comigo e com as nossas amigas para ires à inauguração do hotel do teu irmão e, quando estavas lá, Gabe Hamilton arrastou-te para o terraço, beijou-te e mandou-te para casa, com instruções explícitas para estares no escritório dele, hoje, às dez da manhã.

Mia sentou-se cabisbaixa no sofá, à frente de Caroline, a sua melhor amiga, com quem partilhava a casa, e esfregou os olhos, esforçando-se por se livrar do nevoeiro que se abatia sobre si. Não dormira nada durante a noite. Como podia ter dormido? Gabe agitara todo o seu universo, as dez horas aproximavam-se e ela não fazia ideia do que devia fazer.

— Basicamente, sim — replicou Mia.

Caroline fez uma careta e abanou-se com uma mão.

— E eu a pensar que não era possível que te fosses divertir tanto como nós. Mas eu não fui beijada por nenhum milionário atraente.

— Mas porquê? — perguntou Mia, com voz a tremer, por causa da frustração.

Era a pergunta que fizera repetidamente ao longo da sua vigília sem dormir. *Porque* a tinha beijado? Porque queria estar com ela, agora, quando parecia ter passado tanto tempo a evitá-la?

Ele não tinha pedido, mas Gabe Hamilton nunca *pedia* nada. Dava ordens e esperava pelos resultados. E não sabia o que representava para ela achar essa característica deliciosa. Fazia-a aquecer e tremer por dentro.

Caroline revirou os olhos.

— Ele quer-te, miúda. E é natural. És nova e sensual e aposto que teve algumas fantasias contigo ao longo dos anos.

Mia franziu o nariz.

— Da maneira que o dizes, até parece uma coisa nojenta.

— Ora, por amor de Deus. Como se tu não tivesses fantasias com ele desde a adolescência. E ele nunca fez nada para isso. Agora tens vinte e quatro anos, não tens dezasseis. Há uma enorme diferença.

— Quem me dera saber o que ele quer — disse Mia, com um tom de voz que denotava uma indesmentível preocupação.

— Se tens dúvidas depois de ele ter ameaçado que te dava uma queca no terraço, és um caso perdido — disse Caroline, exasperada.

Fingiu que viu as horas e lançou um olhar acutilante para Mia.

— Amiga, tens menos de uma hora para te arranjares e saíres. Sugiro que te levantes do sofá e te vás pôr fabulosa.

— Nem sei o que vestir — murmurou Mia.

Caroline sorriu.

— Eu sei. Anda. Tens um homem para deslumbrar.

*Deslumbrar?* Mia teve vontade de rir. Se havia alguém deslumbrado, era ela. Estava tão baralhada por causa do que sucedera na noite anterior que, quando chegasse ao escritório de Gabe, ia parecer uma barata tonta.

Gabe folheou o contrato que tinha nas mãos e fitou a primeira página, em silêncio, enquanto refletia sobre o caminho que queria percorrer com Mia. Para ele, perder tempo a ponderar como iria delinear a sua estratégia, era uma novidade. Só tinha uma forma de fazer as coisas. Direta. Tratava as relações pessoais da mesma forma que lidava com os negócios. Não havia espaço para emoções, nem mesmo nos relacionamentos. Já fora apanhado desprevenido uma vez — estava cego, para ser absolutamente honesto consigo próprio — e jurara que não voltaria a suceder.

Não havia nada como ser enganado por uma mulher em quem confiara cegamente para garantir que não iria outra vez por ali.

Não que tivesse excluído as mulheres — gostava demasiado delas. Adorava sentir uma mulher submissa nas suas mãos e sob o seu comando. Mas a sua abordagem mudara. A forma como lidava com elas mudara. Não tivera hipótese.

Mas Mia...

Não podia ignorar que era diferente de todas as mulheres com quem estivera. Era mesmo. Não era apenas mais um rosto feminino que podia olhar com ternura e de quem podia afastar-se para evitar ligações complicadas. As mulheres que ele escolhera conheciam o jogo. Sabiam o que esperava delas e o que podiam esperar de volta.

Mia era a irmã mais nova de Jace. Além disso, era uma rapariga que vira crescer. Caramba, ele tinha assistido à cerimónia de entrega do seu diploma do secundário. Fizera uma careta ao par dela para o baile de finalistas quando o sacaninha a viera buscar. Ficara encantado ao ver o idiota encolher-se quando ele, Jace e Ash deixaram bem claro o que lhe aconteceria se lhe faltasse ao respeito de alguma maneira.

Via-a quando ele ia visitar Jace nas férias e em alturas em que não estava em aulas. Até assistira à cerimónia de fim de curso da faculdade.

Uma parte de tudo aquilo fora um inferno, porque Mia se tornara uma jovem deslumbrante. Deixara de ter aquele ar de uma rapariga muito mais nova e inocente. Nem queria pensar em quantos homens ela já tivera. Isso só servia para o irritar. Nem sequer se preocupava com eles, porque pertenciam ao passado e era lá que iam permanecer.

Mia ainda não sabia, mas ela ia ser sua. Ele apenas ainda não tinha decidido com que frontalidade ia abordá-la. Ela era... diferente. Sim, era mais nova, mas também era mais discreta, mais ingénua, talvez. Ou talvez essa fosse simplesmente a perceção que ele tinha. Quem sabia o que ela fazia longe do olhar atento de Jace?

Independentemente de como decidisse abordá-la, tinha de o fazer com delicadeza e de modo a não a assustar, afugentando-a antes de chegar a entrar. Porque não havia nenhuma hipótese de ele desistir ou aceitar um não como resposta, agora, que decidira tomar a iniciativa.

E ainda havia toda a questão de Jace. Era um fator que ele ainda não sabia como contornar, mas não fazia sentido estar a pensar nisso antes de Mia concordar. Lidaria com ele mais tarde.

Um barulho junto da porta fê-lo cravar os olhos nela, aborrecido. Dera instruções explícitas à rececionista da HCM. Não queria ser incomodado. Por ninguém. Ainda não estava na hora de Mia chegar. Faltava mais de uma hora.

Jace e Ash entraram porta dentro e Gabe ficou ainda mais irritado. Mas que raio estavam a fazer no escritório naquele dia? Deviam estar ambos a bordo de um avião a caminho da Califórnia, onde iam encontrar-se com um empreiteiro para estudarem os planos do novo *resort*.

Os três viajavam com regularidade e habitualmente dividiam a tarefa de analisar os projetos realizados no país e no estrangeiro. Naquele momento tinham diversos projetos em diferentes fases, entre os quais se contava um hotel na Califórnia, cuja construção estava prestes a arrancar, um outro em Paris, que se encontrava na fase inicial de planeamento, e ainda o estudo da localização de um complexo de luxo nas Caraíbas. Contudo, ultimamente, Gabe estava mais preso na cidade, com a supervisão dos retoques finais do Bentley, o seu mais recente hotel de luxo em Union Square. Era ele quem estava mais perto. Era demasiado obsessivo para confiar essa tarefa, ainda que fosse aos seus melhores amigos.

Jace e Ash eram os homens do meio, como Gabe os chamava. Apesar de deterem partes iguais da empresa, era Gabe quem iniciava os projetos, os negociava e revia todos os pormenores até ficar completamente satisfeito. A seguir, os seus sócios entravam no projeto para supervisionar, dar início à construção e garantir que as coisas decorriam tranquilamente. No final, Gabe voltava a entrar em cena e dava os retoques finais.

Esse tipo de combinação convinha aos três. E todos dirigiam as operações quotidianas e a gestão dos hotéis e dos *resorts*.

Os três eram amigos desde os tempos da faculdade. Ao olhar para trás, não sabia bem o que os unira para além do álcool, das festas da faculdade e de andarem atrás das raparigas. Davam-se bem e tudo se fora encaixando.